



Foto Cristo: Nilo Lima

DIACÔNIO

Órgão Informativo da CRD-Leste 1 – 12ª Edição: Setembro 2014

Editorial

Quando chega o mês de setembro logo pensamos nas flores da primavera e a nova estação pode nos trazer a renovada esperança para que continuemos sonhar por novos ares de manifestação de Deus que, contando com o esforço humano, quer também renovar o mundo pela Palavra de Deus que alimenta o cotidiano da Igreja e de todos os seus filhos.

O mês de setembro também é recheado de celebrações: 8: Natividade de Nossa Senhora; 14: Exaltação da Santa Cruz; 15: Nossa Senhora das Dores; 21 São Mateus, apóstolo e evangelista; 24: Nossa Senhora das Mercês; 26: São Cosme e São Damião; 29: Os santos Arcanjos Miguel, Gabriel e Raphael.

Que as festas e memórias reforcem em nós maior empenho para o seguimento de Jesus Cristo.

Lembremos de nosso país que ao comemorar, em 7 de setembro, os anos de independência precisa encontrar fichas limpas para as eleições que se aproximam.

Em nosso Brasil o mês da Bíblia quer sacudir na Igreja o apetite pela Palavra Sagrada para que nos tornemos mais próximo da primeira substância pela qual tudo existe: “ No princípio era a Palavra e Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus...”

No decorrer dos milênios a Palavra que estava com Deus foi passando de geração em geração e não poucas vezes o homem manipulou tanto a Palavra, que a mesma se tornou apenas palavra humana tão pobre e cheia de vícios que pareceu-nos viver diante de tantas sombras e trevas que assistimos a retirada de Deus do convívio entre os humanos. Haja visto as tentativas em pleno século XXI de fazer guerra em nome de Deus. O Papa Francisco adverte o mundo: “não se pode justificar a guerra e a violência apelando para o nome de Deus!”. Também continuam repugnantes as violações individuais onde o massacre maior é a violação da consciência humana e a violência feita contra o próximo com justificação religiosa; acontece em nossos dias em várias partes do mundo onde cristãos são os mais atingidos e acontece a conta gotas em nosso dia a dia.

Mas, as sombras e trevas sempre foram e serão sinais das fraquezas humanas, porque o Senhor nosso Deus, Luz Eterna, “que veio a este mundo” para sempre se tornou presente e a sua claridade desde o nascimento e de modo incontestável na ressurreição sempre foi misericordiosa que nunca nos abandonou: “Estou convosco todos os dias!”. Que alívio, tamanha certeza e tão grande esperança!

Alimentados pela Palavra de Deus que sempre encontrou na esposa Igreja uma guardiã fiel, nos preparamos na oração para o sínodo sobre a família presidido pelo Papa Francisco. Que o Senhor faça resplandecer sua luz em tão importante reunião e ajude a Mãe Igreja a reunir os seus filhos sofridos, por tantos ataques, e reconstituir a célula mãe da sociedade e coração da ecclesiae. Sejamos fiéis na oração também pelo sínodo dos bispos que acontecerá em outubro.

Feliz Mês de Setembro! Feliz primavera!

Diác. Enio Costa Ferreira – Presidente CRD Leste 1





DIACÔNIO

Editorial





DIACÔNIO

A Palavra do Papa

É preciso humildade para anunciar o Evangelho, não palavras sábias!

01.09.2014 - L'Osservatore Romano

«Jesus está presente na palavra de Deus e fala-nos». Eis por que «a palavra de Deus é diversa inclusive da mais elevada palavra humana». E nós devemos aproximar-nos dela «com o coração aberto das bem-aventuranças e com humildade». Por isso o Papa Francisco – durante a missa celebrada na manhã de 1 de Setembro na capela da Casa de Santa Marta – sugeriu de novo que se tenha sempre uma pequena edição do Evangelho de bolso e lê-lo todas as vezes que é possível e assim «encontrar» Jesus.

Retomando as celebrações eucarísticas matutinas – depois da suspensão nos meses de Julho e Agosto – o Pontífice refletiu sobre a palavra de Deus centrada nas duas leituras propostas pela liturgia, tiradas respectivamente da primeira Carta de São Paulo aos Coríntios (2, 1-5) e do Evangelho de Lucas (4, 16-30).

Na primeira, frisou, São Paulo «recorda aos Coríntios como foi a sua pregação, como anunciou o Evangelho». E explica: «A minha palavra e a minha pregação não se baseiam em discursos persuasivos de sabedoria, mas na manifestação do Espírito». Paulo, disse o Papa, continua afirmando que não se apresentou para convencer os seus interlocutores «com argumentos, palavras nem bonitas figuras». O apóstolo escolheu «outro modo, outro estilo», isto é, «a manifestação do Espírito e do seu poder». Para que – são as palavras de São Paulo – «a vossa fé não fundasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus».





DIACÔNIO

A Palavra do Papa

O trecho de Lucas narra Jesus na sinagoga de Nazaré, «na qual cresceu» e onde todos «o conheciam desde menino». Neste contexto, explicou o Papa, ele «começou a falar e as pessoas ouviam, comentando: “Mas que interessante!”». Depois, «davam testemunho: ficavam admirados com as palavras que dizia». E comentavam entre si: «Mas veja! Que inteligente, este menino que conhecemos, como é esperto! Mas onde terá estudado?».

E Jesus responde: «Em verdade, vos digo: nenhum profeta é bem aceite na sua pátria». A quantos o ouviam na sinagoga «no início» parecia «algo bom e aceitavam o estilo de conversação e de acolhimento». Mas «quando Jesus começou a anunciar a palavra de Deus enfureceram-se e queriam matá-lo». Passaram para a outra parte porque a palavra de Deus é diversa em relação à palavra humana, a palavra humana mais filosófica».

Então, perguntou-se Francisco, «como é a palavra de Deus?». A carta aos Hebreus, afirmou, «começa dizendo que, nos velhos tempos, Deus falou-nos e falou aos nossos pais por meio dos

profetas. Mas nestes tempos, no fim do mundo, falou-nos no Filho».

Esta é «a palavra de Deus, a única palavra de Deus», explicou o Papa.

Torna-se muito importante, segundo o Pontífice, questionar-se: «Como devemos receber a palavra de Deus?». A resposta é clara: «Como se recebe Jesus Cristo. A Igreja diz-nos que Jesus está presente na escritura, na sua palavra». Por isso «aconselho muitas vezes que se tenha sempre um pequeno Evangelho na bolsa, no bolso, e ler durante o dia um trecho». Um conselho prático, disse, não tanto para «aprender» algo mas sobretudo «para encontrar Jesus, porque Jesus se encontra precisamente na sua palavra, no seu Evangelho».

Se «Jesus está presente na palavra de Deus» e «fala-nos na palavra de Deus, far-nos-á bem hoje durante o dia – sugeriu o Pontífice – perguntarmo-nos: de que modo recebo a palavra de Deus?». Uma pergunta essencial, concluiu o Papa Francisco, renovando o conselho para ter sempre consigo o Evangelho.

Expediente Diacônio

Órgão Informativo da CRD-Leste I - (12ª Edição – Setembro 2014)

Dom Luiz Henrique da Silva Brito – Bispo auxiliar do Rio de Janeiro / Acompanhante dos Diác. Leste 1

Presidente: Diác. Enio Costa Ferreira - diaconoenio@gmail.com

Vice Presidente: Diác. Paulo Roberto A. Batista - paulo.diacono@ig.com.br

Secretário: Diác. João Batista Melo - diacjbmello@yahoo.com.br

Tesoureiro: Diác. José Eduardo Soares – jose.soares@light.com.br

Relações Públicas: Diác. Edilson – diac.edilsonventura@gmail.com

Representante CRD na CNBB: Diác. Cezar Bahia – cezaregisa@oi.com.br

Criação/Montagem do informativo: Diác. Marco Carvalho - m.marco.carvalho@gmail.com





A PÁTRIA AMADA - Dom Fernando Arêas Rifan*



Estamos na Semana da Pátria, da nossa Pátria amada. Jesus, nosso divino modelo, amava tanto sua pátria, que chorou sobre sua capital, Jerusalém, ao prever os castigos que sobre ela viriam, consequência da sua resistência à graça divina. É tempo oportuno para refletirmos sobre nossa nação, na qual vivemos e da qual esperamos o nosso bem comum. Será que também não devemos chorar sobre nossa pátria, ao vermos tanta falta de ética em nossa política, ao sentirmos e pressentirmos a aprovação de leis iníquas, contra a Lei Divina, natural e positiva?

Segundo Aristóteles, “o homem é por natureza um animal político, destinado a viver em sociedade” (Política, I, 1,9). Política vem do grego *pólis*, que significa cidade. E, continua Aristóteles, “toda a cidade é evidentemente uma associação, e toda a associação só se forma para algum bem, dado que os homens, sejam eles quais forem, tudo fazem para o fim do que lhes parece ser bom”. E Santo Tomás de Aquino cunhou o termo *bem comum*, ou bem público, que é o bem de toda a sociedade, dando-o como finalidade do Estado. “A comunidade política existe... em vista do bem comum; nele encontra a sua completa justificação e significado e dele deriva o seu direito natural e próprio. Quanto ao bem comum, ele compreende o conjunto das condições de vida social que permitem aos indivíduos, famílias e associações alcançar mais plena e facilmente

a própria perfeição” (*Gaudium et Spes*, 74). Daí se conclui que a cidade – o Estado - exige um governo que a dirija para o bem comum. Não se pode separar a política da direção para o bem comum. Procurar o bem próprio na política é um contrassenso.

Parecia estar falando da política atual o notável Eça de Queirós, que, há muito tempo atrás, escrevera com sua verve inconfundível: “Estamos perdidos há muito tempo... O país perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos, as consciências em debandada. Os caracteres corrompidos. A prática da vida tem por única direção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido. Não há instituição que não seja escarnecida. Ninguém se respeita... Ninguém crê na honestidade dos homens públicos... A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia. O povo está na miséria. Os serviços públicos são abandonados a uma rotina dormente. O Estado é considerado na sua ação fiscal como um ladrão e tratado como um inimigo. A certeza deste rebaixamento invadiu todas as consciências. Diz-se por toda a parte, o país está perdido! Algum opositor do atual governo? Não!”. Falava ele assim em 1871!

Como cristãos, nós sabemos que a base da moral e da ética é a lei de Deus, natural e positiva, traduzida na conduta pelo que se chama o santo temor de Deus ou a consciência reta e timorata. Uma vez perdido o santo temor de Deus, perde-se a retidão da consciência, que passa a ser regida pelas paixões. Uma vez perdidos os valores morais e os limites éticos, a política fica ao sabor das paixões desordenadas do egoísmo, da ambição e da cobiça.

Pense nisso: seu voto é coisa séria, pois terá sérias consequências para a política!



Matrimônios fracassados e a declaração de nulidade

A aliança matrimonial, pela qual o homem e a mulher constituem entre si uma comunhão de vida toda, é ordenada por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à geração e educação da prole, foi elevada, entre batizados, à dignidade de sacramento, estatui o cânon 1055, 1, do Código de Direito Canônico.

Segue o Código, no cânon 1056, estabelecendo as propriedades essenciais comuns a todo o matrimônio e excluí-las torna nulo o pacto conjugal: a **unidade**, que significa a manifesta impossibilidade de uma pessoa ficar ligada simultaneamente por dois vínculos conjugais, e a **indissolubilidade**, assim entendida como a impossibilidade de dissolução do vínculo conjugal, salvo em havendo a morte de um dos cônjuges (cfe. **Pe. Dr. Jesus Hortal**, em comentários ao *Código de Direito Canônico*, ed. Loyola, 1983). Adite-se, ainda, que com a expressão codificada “*comunhão de vida toda*” (“*totius vitae*”) deve-se entender a vida plena dos esposos, em *todos* os aspectos e expressões *no curso da vida conjugal*, exigindo a recíproca doação dos cônjuges.

Ora, a **indissolubilidade** importa em que uma vez contraído validamente o vínculo, não dependem mais da vontade humana sua interrupção ou seu desfazimento, assim em função do bem dos próprios cônjuges e de sua prole, como, de resto, está na Constituição Pastoral *Gaudium Spes*, 48. E a **indissolubilidade** da união matrimonial não é propriedade essencial que vigore apenas no plano sacramental, vale dizer, entre fiéis católicos, mas decorre da própria índole natural do matrimônio.



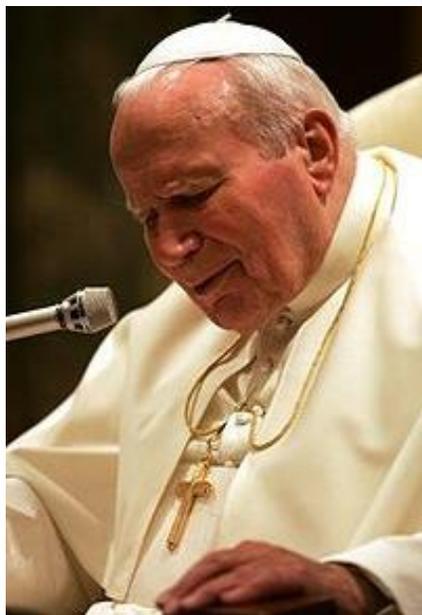
Com efeito, qualquer matrimônio, validamente contraído, mesmo que por infiéis, *tanto por direito natural, como por lei positiva divina, goza de indissolubilidade intrínseca, jamais pode ser dissolvido, nem por consenso dos contraentes, nem por outra autoridade humana* – como ensina o prelado **Francisco Lopes Illana**, professor de direito canônico e auditor do Tribunal Apostólico da Rota Romana, em artigo encontrado em **LEXICON** (Pontifício Conselho para a Família, coord. D. Karl, J. Rommer, 2002), citando, a respeito, Sto. Tomás de Aquino.

O Santo Papa João Paulo II, no mesmo sentido, discursando para os integrantes da Rota Romana, em janeiro de 1990, acentuou que “*um casamento válido, mesmo se marcado por sérias dificuldades, não poderia ser considerado inválido sem violentar a*



verdade e comprometendo, assim, a única base sólida que pode suportar a vida pessoal, conjugal e social' (**Discurso**, janeiro, 1990).

Em outra oportunidade, ainda S. João Paulo II, tratando do mesmo tema da indissolubilidade do matrimônio, formulou oportuna interrogação: *"... o que dizer da tese, segundo a qual a própria falência da vida conjugal deveria fazer presumir a nulidade do matrimônio? Infelizmente, a força deste delineamento errôneo é, às vezes, tão grande que se transforma num preconceito generalizado, que leva a procurar as causas de nulidade, como meras justificações formais de um pronunciamento que, na realidade depende do fato empírico do insucesso matrimonial. Este formalismo injusto da parte daqueles que se opõem ao tradicional favor matrimonii pode chegar a esquecer que, segundo a experiência humana assinalada pelo pecado, um matrimônio válido pode falir por causa do recurso errôneo à liberdade dos próprios cônjuges."* (**Discurso**, janeiro de 2004).



O Santo Papa João Paulo II põe, aqui, a questão da falência da vida conjugal frente à indissolubilidade do matrimônio.

É certo que o "*favor iuris*" de que goza o matrimônio, enquanto não se provar o contrário, implica na presunção da sua validade (CDC, cânon 1060), e traz, por consequência, a propriedade essencial da indissolubilidade de que se falou acima.

Assim, o eventual insucesso de uma vida matrimonial não torna nulo, por si, o vínculo jurídico que lhe deu causa; por isso é que se pode afirmar que o insucesso de uma união conjugal, quando validamente celebrado o ato jurídico pertinente (casamento "*in fieri*"), não pode, pelo fato de ter ocorrido um fracasso da vida matrimonial (casamento "*in facto esse*"), ser entendido como um matrimônio nulo.

Como escreveu **São João Paulo II**, há que se indagar com maior seriedade, no momento das núpcias os requisitos necessários para casar, especialmente os que dizem respeito ao consenso e às disposições concretas dos noivos.

Lembre-se que a vida em comunhão constitui um processo de aperfeiçoamento e que inclui no seu desdobramento progressos e retrocessos, e que deverá ter em vista o equilíbrio ideal. Realmente, como se ouve popularmente "*amar não é querer o outro construído, mas é querer construir o outro.*" Certa margem de decepção, escrevia **D. Estêvão Bettencourt**, é quase normal e não invalida este (cfe. **Pergunte e Responderemos**, nº 373, junho de 1983, p. 242/259). O casal terá de fazer esforço consciente para superar os obstáculos que surgem à manutenção do casamento.



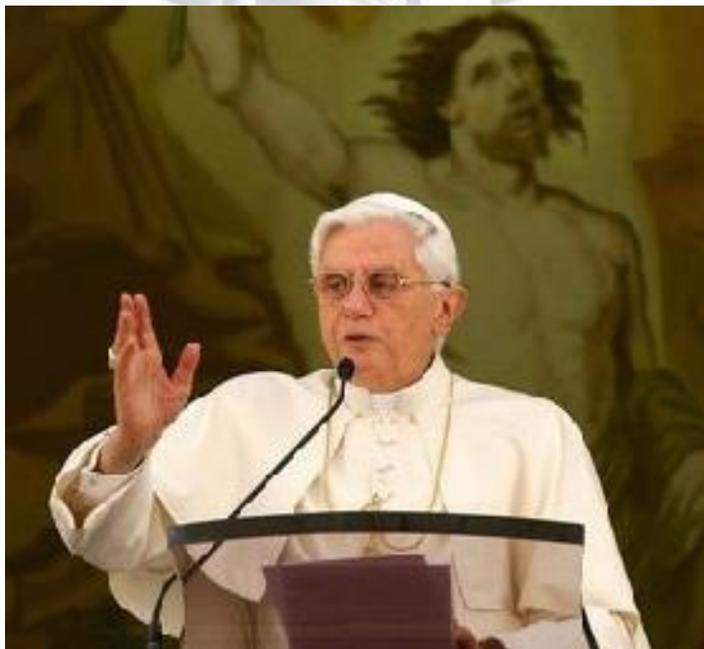
DIACÔNIO

Artigo - 2

Aqui, cabe menção à orientação do Papa Bento XVI quando escreve que “*é necessário resistir à tentação de transformar as simples faltas dos esposos, na sua existência conjugal, em defeitos de consentimento*” (**Discurso** aos componentes do Tribunal da Rota Romana, jan. 2011).

Oportuno transcrever-se, aqui, lição haurida no mesmo **Discurso**, referido acima, em que S.S., o Papa Bento XVI, afirma:

“Penso, de modo particular na questão da exclusão do bonum coniugum. Em relação a esta exclusão parece repetir-se o mesmo perigo que ameaça a reta aplicação das normas sobre a incapacidade, Isto é, o de procurar motivos de nulidade nos comportamentos que não dizem respeito à constituição do vínculo conjugal, mas sim, à sua realização na vida. É necessário resistir à tentação de transformar as simples faltas dos esposos, na sua existência conjugal, em defeitos de consentimento. A verdadeira exclusão pode verificar-se de fato só e quando é afetada a ordenação para o bem dos cônjuges (cf. can. 1055, 1), excluída com um ato positivo de vontade. Sem dúvida, são totalmente excepcionais os casos os quais falta o reconhecimento do outro como cônjuge ou é excluída a ordenação essencial da comunidade de vida conjugal para o bem do outro.”



Casamento que “não deu certo” – por insucesso havido no curso da existência conjugal – **não** é igual a casamento nulo, vale dizer, portanto, que o insucesso na vida matrimonial não implica necessariamente em defeito de consentimento no ato do matrimônio. Portanto, matrimônio fracassado não significa casamento capaz de merecer, *por si só*, declaração de nulidade.

Diácono (P) José Alberto MARINHO Soares.

Diocese de Petrópolis.

Auditor, no Tribunal Eclesiástico Interdiocesano e de Apelação do Rio de Janeiro.



Bispo da Diocese de Petrópolis ordena dois diáconos

A Diocese de Petrópolis tem agora mais dois diáconos: Rodrigo Celso Pedro, que futuramente será sacerdote, e Francisco Carlos da Silva Rodrigues, diácono permanente. A Missa de Ordenação aconteceu na Catedral São Pedro de Alcântara, no dia 16 de agosto. A Celebração Eucarística foi presidida pelo bispo diocesano Dom Gregório Paixão, concelebrada pelos padres da Diocese, com a presença dos diáconos, seminaristas, religiosos, e centenas de pessoas.

Antes do início da Santa Missa, os ainda candidatos ao diaconato entraram na Catedral acompanhados por Dom Gregório, pelo reitor do Seminário Diocesano Nossa Senhora do Amor Divino, Monsenhor José Maria Pereira, e pelo cerimoniário Padre Moisés Fragoso, para, diante do Santíssimo, rezar.

Em cada momento da celebração, via-se nos olhos de Rodrigo e Francisco a emoção por darem o seu sim a Deus. Cada ato do rito de ordenação também foi acompanhado atentamente e com muita alegria pelos familiares e amigos dos neodiáconos, como os filhos do diácono Francisco, que doaram o seu dom da música, embelezando ainda mais a ordenação.

O amor a Deus e o serviço, próprio do diácono, foram centrais durante a celebração, sendo destacados nas palavras do bispo diocesano em sua homilia. Comentando sobre o capítulo sexto de Atos dos Apóstolos, que fala sobre a eleição dos diáconos,

Dom Gregório ressaltou que Rodrigo e Francisco se colocam na mesma posição dos irmãos apresentados no texto bíblico, para servirem a duas mesas: a da Palavra e a do Pão

"Vão servir a mesa da Palavra, ler, meditar e praticar a Palavra de Deus. Mas, na enormidade do ensinamento que eles não podem apenas guardar no coração, função que deve ser de todos nós, eles vão pregar a Palavra; vão falar em todos os cantos sobre Jesus Cristo, principalmente no lugar onde Deus os semeou; vão frutificar e, ao mesmo tempo, vão ver a beleza da vida que vai crescer em irmãos e irmãs através do testemunho e da pregação da Palavra que eles farão", disse.



"Mas também, vão servir a segunda mesa, a mesa do Pão, para que nunca falte ao povo de Deus o Pão que alimenta, que dá a vida, que transforma todas as coisas, a presença viva de Jesus Cristo através de Seu Corpo e de Seu Sangue. E, assim, alimentado com o Pão dos anjos, tudo farão para que não falte o pão de cada dia na mesa dos mais pobres", completou.



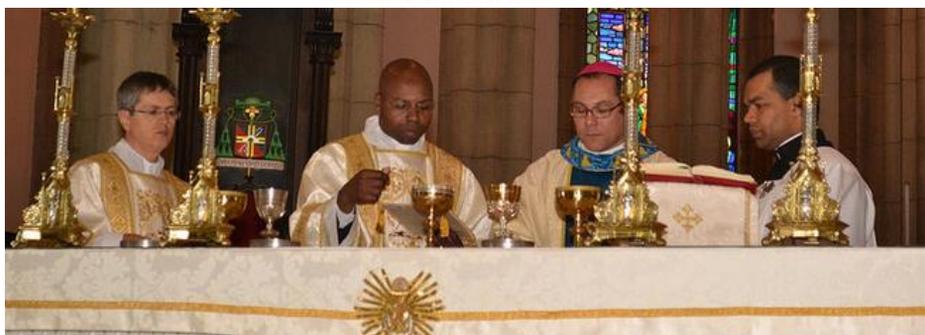
DIACÔNIO

Notícia

Aos novos diáconos, Dom Gregório explicou que eles foram escolhidos pela capacidade de servir e lembrou que a obra que irão realizar não é deles, e sim de Deus, por isso devem sempre confiar no Senhor. "Lembrem-se daquilo que Jesus disse pelo Evangelho, vocês hoje recebem o diaconato não como título honorífico, não porque sejam mercedores de tal honra para que sejam contemplados pela sociedade, mas porque a Igreja viu em vocês a capacidade da humildade do servo, do serviço gratuito para que o povo de Deus possa receber não apenas uma palavra bela, mas uma palavra que transforma, de vida, que muda a sociedade. Vocês hoje são convidados a seguirem o exemplo perfeito de Jesus Cristo, Aquele que não veio para ser servido, mas sim para servir".

Ao fim da celebração, o diácono Rodrigo manifestou seu agradecimento e também do diácono Francisco a todos os que os acompanharam em toda caminhada, parentes, amigos, formadores. Ele também deixou o seu testemunho aos jovens presentes, incentivando-os a ouvirem o chamado de Deus sem medo. "A todos os jovens aqui presentes que trilham o caminho vocacional, não tenham medo de seguir em frente, pois quando Deus chama, Ele jamais nos deixa sozinhos. Deus nos diz 'ide' e envia-nos em missão. Entretanto, esse 'ide' é ao mesmo tempo um 'vamos', pois ele sempre nos acompanha e nos sustenta. Coragem! Vale a pena! Vale a vida! Que a Virgem Santíssima Senhora do Amor Divino recompense com inúmeras graças a todos e nos ensine a sermos sempre servos que prontamente dizem o seu fiat, faça-se, eis-me aqui".

Logo após a Missa, os neodiáconos receberam os cumprimentos dos familiares e de toda a comunidade





Relatório Final do 1º encontro Regional de Diretores e Formadores de Escolas Diaconais – 1ª parte.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB L1
COMISSÃO DOS MINISTÉRIOS ORDENADOS E VIDA CONSAGRADA
COMISSÃO REGIONAL DOS DIÁCONOS – CRD L1

I ENCONTRO REGIONAL DE DIRETORES E FORMADORES DE ESCOLAS DIACONAIS. Rio de Janeiro RJ – agosto de 2014

- 01**-Quando falamos de formação, seja ela qual for, falamos de um processo, uma relação que se estabelece entre formadores e formandos, a partir de determinada demanda ou necessidade. Tal processo, em razão de suas características, necessariamente deve ser previsto, pensado, projetado em razão da necessidade geradora. Em outras palavras, precisa de um objetivo definido.
- 02**-Quando então falamos em formação de Diáconos, é imperativo pensarmos em um projeto que aponte objetivos que atendam às necessidades formativas a partir das demandas eclesiais, sejam pastorais, sejam teológicas.
- 03**-Partindo do acima concluído, ao pensarmos na formação do Diácono permanente, e em um projeto que a sustente, precisamos em primeiro lugar nos perguntar: Qual o perfil de Diácono desejamos formar?
- 04**-A resposta a tal questão, entretanto, é condicionada por uma outra, que se impõe a esta como premissa: se o Diácono é um ministro ordenado da Igreja, para definirmos o perfil de Diácono, precisamos antes definir o modelo de Igreja à qual esse ministro se propõe servir.
- 05**-Ao buscar o modelo de Igreja para quem o Diácono vai ser formado para servir, deparamos com o fato de que também a Igreja existe em razão de um objetivo, qual seja: anunciar o Evangelho. O anúncio, entretanto, é uma ação que acontece no mundo, inserido na História, esta, recheada de grupos, lugares e culturas. Somos, então, barrados por uma terceira questão imperativa na conformação do modelo de Igreja: Quais as características da sociedade em que a Igreja está inserida e tem por missão anunciar o Evangelho de Cristo? E quais as demandas desta sociedade em relação à vida de fé?
- 06**-Pois bem, para chegarmos a um projeto de formação de Diáconos permanentes que forme o Diácono, se não ideal, próximo disso, teremos que percorrer o seguinte caminho: Primeiro analisar a sociedade, descobrindo suas características e determinando suas demandas no que refere à ação da Igreja enquanto anunciadora do Evangelho. Na sequência, definir o modelo de Igreja que atenda à sociedade que descobrimos, para então construirmos o perfil de Diácono necessário e aí, o projeto que forme tal Diácono.

A IGREJA QUE PRECISAMOS

- 07**-Nessa proposta, auxiliados pelos textos “O significado e a importância do Projeto Pedagógico para a Escola” de Rúbia Marluza Carneiro et al., adaptado por Ir. Francisco obl,



OSB e “A Alegria do Evangelho e sua incidência em nossa Igreja” do Pe. Mario França Miranda,(ANEXO 1), depois de discutir a respeito do Projeto pedagógico, seus objetivos e características, analisamos, com razoável profundidade, a realidade social, tanto em nível geral quanto regional, respondendo à questão: Que modelo de igreja nosso Regional precisa?

•**08**-Em vista da nova sociedade e suas características extremamente peculiares, faz-se mais que necessária, urgente, uma Igreja em estado permanente de missão, que saia de seu espaço de conforto e segurança e tenha a coragem de se lançar em direção às novas fronteiras, geográficas, ambientais e culturais.

•**09**-Por um lado, tal Igreja precisa ser acolhedora – portas abertas mantendo a unidade na diversidade, respeitando as particularidades e culturas, fazendo-se mais presente e menos elitista e introvertida pastoralmente. Ainda, a crescente desigualdade entre ricos e pobres impõe um ser Igreja pobre, com os pobres e para os pobres começando por nós mesmos, ministros ordenados, conscientes de que a pobreza tem muitas caras e maneiras de ser.

•**10**-As comunidades eclesiais precisam ser mais ativas, apresentando-se como espaço participativo, de valorização da Palavra e de vivência da fé que possibilite um maior protagonismo dos leigos, com presbíteros e diáconos menos centralizadores. Uma Igreja que chegue às pessoas sem intimidá-las, uma Igreja em que não haja diferenças nem rótulos e cuja pastoral seja estável e afetivamente (amorosamente) duradoura.

O DIÁCONO PERMANENTE QUE A IGREJA PRECISA

•**11**-Vislumbrado o modelo de Igreja, agora subsidiados pelos textos: “Desafios e perspectivas ministeriais” do Diac. Julio Bendillilli e “Perspectivas para a formação dos diáconos sob a ótica do ministério” do Diác. Ludwig Shimidt, traduzido do Espanhol pelo Ir. Francisco obl OSB,(ANEXO 2) nos perguntamos: Qual o perfil de Diácono precisamos formar? Partindo da busca pela compreensão do ministério diaconal como forma de participação no *tríplice múnus* do ministério de Cristo, exercido desde o início por bispos, presbíteros e diáconos em simetria e não em subordinação, o Diácono que precisamos formar precisa primeiro entender o seu próprio ministério, para então servir à Igreja e não servir-se dela. Precisa também ter a devida e necessária formação, bíblico teológica, humana e pastoral, dosada e adequada ao exercício de seu ministério.

•**12**-O ministério diaconal não pode ser partido. O Diácono é ministro da Palavra, da Liturgia e da Caridade. Portanto, de acordo com o seu grau de participação no Sacramento da Ordem e de seus dons e carismas, os três aspectos devem ser contemplados na formação e vividos com intensidade, sob pena de ter desconfigurado o próprio ministério diaconal.

•**13**- Como homens de espiritualidade e de diálogo, os diáconos devem ser instrumentos do Evangelho, fazendo-se ponte entre a fidelidade a Cristo e os desafios do mundo moderno, homens capazes de conviver, absorver e promover mudanças, não absolutizando modelos únicos, como se não houvesse outras formas, senão aquela a que eles mais se identificam.



A FORMAÇÃO DO DIÁCONO PERMANENTE

- 14-** Nesse sentido, havemos que melhorar a formação. Em primeiro lugar, o planejamento via Projeto Pedagógico se faz inadiável. Tomando o devido cuidado para não cairmos num academicismo estéril, as Escolas Diaconais do Regional precisam se organizar de modo a contemplar os aspectos gerais da formação, estabelecidos nas Diretrizes, bem como aqueles próprios de suas realidades locais; também é necessária uma adequação da grade curricular e de uma abordagem teológica direcionada para a formação específica do Diácono.
- 15-** Vale também lembrar a heterogeneidade dos candidatos de modo a que sejam adequadas as práticas: metodológica, didática e de abordagem dos conteúdos.
- 16-** Os formadores sejam “adultos” que respeitem e levem homens “adultos” a adquirirem também maturidade de fé, superando modelos anacrônicos arcaicos e estabelecendo condições de sincronias pastorais capazes de dialogar com um mundo plural em constante mutação e de modo simples, capazes de propor genuinamente o Evangelho de Jesus com sua mensagem que se encarna na cultura de nossa gente.
- 17-** É preciso Rever disciplinas e ementas de modo que a riqueza teológica da Igreja na história se torne mais acessível e supere as “teorias de gabinete”; bem como é importante a inclusão de disciplinas e conteúdos atualizados que fundamentem uma vida pastoral mais intensa adotando uma didática que seja inteligível e adequada ao modelo de educação de adultos.
- 18-** Em relação à grade curricular percebe-se ainda a necessidade da inclusão das disciplinas Língua Portuguesa e Administração Paroquial, bem como disciplinas da área de humanas como Psicologia, Antropologia, Sociologia e Filosofia, não nos esquecendo que desta última depende em grande parte o sucesso da formação teológica.
- 19-** Outro aspecto importante é o fomento das oficinas de práticas diaconais que possibilitem aos candidatos vivenciarem a Graça do sacramento recebido e possam assumir de modo eficaz a opção preferencial pela diaconia da caridade.
- 19-** Iguamente importante é a integração de forma definitiva, objetiva e paritária no processo formativo das dimensões: humano-afetiva, eclesial-comunitária, espiritual e pastoral, previstas nas Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja do Brasil, dedicando a elas carga horária compatível e proporcionalmente equivalente à intelectual.
- 20-** Faz-se também necessário a análise e o estabelecimento de um padrão de tempo de formação, que não seja tão pouco que a reduza em seu sentido, nem tão longo que desanime os candidatos, lembrando que, quantidade não significa qualidade e que o curso de formação para Diáconos permanentes não é uma graduação, não é seminário, nem uma formação para leigos. É, pois, fundamental encontrarmos o caminho.
- 21-** Iguamente importante é a criação e inserção no processo daquilo que chamamos Estágio Pastoral. Diferente da Prática Pastoral, o Estágio é um instrumento que contempla atividades programadas, definidas e direcionadas, como por exemplo, a inclusão do candidato nas Pastorais Paroquiais (foque na Pastoral em que ele atuará de forma mais intensa depois de ordenado) bem como relatórios e avaliações, o que impede uma formação pastoral limitada,



- ou dirigida por interesses pessoais, seja do candidato, seja do pároco em cuja paróquia é feito.
- 22-** Havemos de investir na formação de diáconos para atuarem como formadores, especialmente nos conteúdos que lhes dizem quase que exclusivo respeito, como por exemplo, Espiritualidade Diaconal, Teologia e Espiritualidade Matrimonial, Aconselhamento de casais, Animação de pequenas comunidades, dentre outros.
- 23-** Vislumbra-se ainda a importância dos meios virtuais na formação, de modo especial a utilização das redes sociais e de disciplinas à distância (EDA) via ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), processo este em pleno desenvolvimento nos processos formativos em geral. Tais meios podem, unidos ao tradicional presencial, fomentar e fortalecer a necessária formação continuada dos candidatos já ordenados, o que representa outro desafio fundamental.
- 24-** Necessário se faz um melhor acompanhamento dos recém-ordenados (com encontros de partilha sobre as dificuldades enfrentadas e orientações) e um projeto de formação permanente que tenha como finalidade concreta, contemplar conteúdos e práticas necessários para uma vivência ministerial e pastoral que aprofunde a ação eclesial do Diácono numa sociedade em constantes transformações tecnológicas e vivenciais, além de criar um momento de re-encontro e integração. Tais encontros devem acontecer, preferencialmente, onde os aspirantes e candidatos estão em processo de formação, visando uma integração dos diáconos com alunos da escola.

DEFINIÇÕES

- 25-** Finalmente, o I Encontro de Diretores e Formadores de Escolas Diaconais do Regional Leste I da CNBB, definiu pela necessidade de :
 - planejar um encontro anual dos formadores com o GT de Formação da CRD Leste-1;
 - que haja continuidade e aprofundamento deste encontro, no sentido de potencializar, com planos de ações o que foi iniciado, visando a elaboração de um Projeto Pedagógico para a Formação de Diáconos Permanentes a ser adotado no Regional;
 - os irmãos que irão participar do Encontro Nacional de Formadores em São Leopoldo – RS deverão levar as reflexões do encontro do nosso regional Leste1, como contribuição para outros regionais;
 - fica marcado o próximo encontro na diocese de Petrópolis para o dia 29 de novembro: Mons. José Maria acolherá o grupo de reflexão no Seminário Diocesano N. Sra. Do Amor Divino em Petrópolis.

(No próxima edição a continuação da última parte do relatório Final)





DIACÔNIO

Notícia

